

**TRANSFORMAR O MUNDO  
SEGUNDO EMMA GOLDMAN (1869-194)**

*Maria Clara Queiroz*

Universidade de Lisboa

**Resumo** A partir dos finais dos anos 1960, assiste-se à «recuperação» de Emma Goldman (1869-1940). A actualidade das suas ideias sobre emancipação das mulheres, participação social e política atraíu a atenção de feministas, historiadores e sociólogos. Imigrante russa nos Estados Unidos da América, sobreviveu inicialmente como operária. Revoltada com as condições das classes trabalhadoras e dos imigrantes, envolveu-se ao lado dos anarquistas numa luta pela transformação da sociedade. Autodidata, tornou-se uma escritora e oradora tão arrebatadora de audiências como temida pelo Estado americano; fundou a Revista Mother Earth, a Free Speech League e as Modern Schools.

**Palavras-chave** cidadania, liberdade, feminismo, anarquismo.

A história de Emma Goldman fascina-me. A sua independência e originalidade, as ideias e teorias pessoais que foi construindo no desenrolar de uma experiência de vida feita de escolhas a partir de acasos, dificuldades e perseguições, a influência que teve nalguns meios políticos e intelectuais da época – apesar de sempre ter optado pelos caminhos árduos e socialmente menos prestigiantes da defesa dos direitos dos trabalhadores e das mulheres –, não nos podem deixar indiferentes. Ao lê-la, deparamos com uma mulher que, como se de coisa simples se tratasse, tornara sua a imensa tarefa de transformar o mundo.

«A mulher mais perigosa da América» foi como o Estado americano viu Emma Goldman e, do seu ponto de vista, com razão. Consistentemente, sem tréguas, ela dedicou a vida a combater o individualismo que se fortalecia e o Império Americano que se formava. Lutou contra a crescente burocratização do Estado e contra a doutrina que, progressivamente, invadia e controlava todos os sectores sociais. Lutou contra o puritanismo; a liberdade e a sexualidade das mulheres eram parte integrante dessa luta.

Emma Goldman nasceu em Kovno, na Rússia czarista, em 1869, de pais judeus. Aos oito anos, o pai mandou-a para casa da avó, em Königsberg – a cidade da Prússia onde Emmanuel Kant nasceu –, para estudar. Dava-se bem com a avó, dona de um salão de cabeleireiro que as três filhas geriam, enquanto ela própria se dedicava ao contrabando. O detestável marido de uma das tias de Emma e a pequena casa, onde todos mal cabiam, foram más recordações que lhe ficaram desses tempos. Tinha doze anos quando, com a mãe, os dois irmãos e as duas meias irmãs, se juntou ao pai em São Petersburgo. As suas relações com os pais não eram as melhores. Taube Goldman era uma mãe distante e sempre

exausta; Abraham Goldman, segundo marido de Taube, um comerciante que gastara o pecúlio que a viúva e as suas duas filhas trouxeram para a família Goldman, era um pai ríspido e autoritário. O caminho que os negócios seguiam levavam-no a tentar melhor sorte na grande cidade.

Em todo o caso, o ambiente familiar abriu-lhe portas à leitura, à música, ao teatro.

Com a sua meia irmã Helena – a única pessoa da família que sempre lhe deu o carinho e a compreensão de que carecia –, emigrou para os Estados Unidos da América, deixando para trás a fábrica de luvas onde trabalhava. Tinha dezasseis anos. A América revelar-se-ia bem diferente da Terra Prometida ambicionada. Passado pouco mais de um ano, casou-se com um jovem russo naturalizado americano, por sua vontade e por amor, afirmou, recordando o sofrimento por que passara quando, aos quinze anos, vencera uma luta com o pai que pensava que as mulheres não deveriam estudar muito e a queria casar à força com um rapaz por ele escolhido. Para seu desgosto, o marido revelar-se-ia impotente.

A vida tornou-se insuportável: o pesado trabalho numa fábrica de confecções em Rochester – com disciplina rígida, supervisão apertada sobre os trabalhadores e escassos trinta minutos para almoço –, os ciúmes do marido e a sua inclinação para o jogo, os interesses de ambos tão divergentes. Apesar da resistência do marido, conseguiu o divórcio e partiu sozinha para New Haven, onde encontrou trabalho numa fábrica de espartilhos.

Os acontecimentos de Chicago, relacionados com a luta pelas oito horas de trabalho e que levariam à execução de alguns trabalhadores, em 1887, constituíram um factor determinante para a consciencialização política da época. Emma Goldman não lhes passou ao lado. A sua decisão estava tomada: iria para Nova Iorque onde se envolveria na luta iniciada pelos Mártires de Chicago, como passariam a ser designados os trabalhadores executados.

Tinha vinte anos. Na mão, trazia uma mala, cinco dólares e três moradas: a de uns tios, a da redacção de uma revista anarquista que costumava ler e a de Solotaroff, um estudante de medicina, judeu russo que ouvira numa conferência em New Haven. Mal recebida pelos tios, chocados por ter abandonado o marido, viria a ser ajudada pelo estudante.

Pela mão de Solotaroff, começou a frequentar o Sachs's Café, na Suffolk Street, uma espécie de quartel-general dos radicais, socialistas e anarquistas do East Side, também frequentado por trabalhadores, estudantes, escritores e poetas iídiche. Aí conheceu o jovem anarquista russo Alexander Berkman, Sasha para os camaradas, que viria a ser o grande amigo para o resto da vida. Fazia a sua entrada na comunidade anarquista.

Sasha, um militante que punha «a causa» acima da própria vida, era um companheiro precioso que a ajudava a conhecer o cenário político, as várias tendências socialistas, comunistas, anarquistas, a entender o que era o activismo político e a fazer a sua formação teórica. Foi, em Nova Iorque, a sua primeira relação amorosa.

Lia Lassalle, Marx, Engels, Proudhon, Bakunin, Kropotkin; mas também poesia, teatro e ficção de autores como Shaw, Brioux, Yeats. Para além do trabalho na fábrica e da leitura, encontrava tempo para passear nos grandes parques, ir a comícios e conferências, a espectáculos culturais.

O dia 11 de Novembro de 1888, o primeiro aniversário da execução dos Mártires de Chicago, aproximava-se. Faziam-se preparativos para assinalar esse *Black Friday*. Vencendo a timidez e a insegurança, Goldman acabou por aceitar o convite para fazer uma pequena digressão em Rochester, Buffalo e Cleveland. Iniciava-se o percurso de uma oradora ímpar, arrebatadora de audiências.

Margaret Anderson, presente nas conferências que Emma Goldman proferiu em Chicago, em 1914, dá conta do «furacão» que a sua passagem provocava.

O que é exasperante em relação a Emma Goldman é que ela se torna tão indispensável às suas audiências que é sempre trágico quando ela parte; a coisa espantosa sobre ela é que a sua inspiração parece nunca faltar. A vida adquire uma qualidade mais intensa quando ela está presente: há algo cósmico no ar, um sentimento de mundos em construção que Hardy uma vez expressou numa única linha: «enquanto universo após universo passa perante nós» (Andersen, 1914).

De acordo com Peter Glassgold, «Ela era uma oradora perfeita, carismática e corajosa, capaz de arrebatar audiências amistosas e de domesticar audiências hostis que ameaçavam violência física. A sua reputação, por si só, atraía enormes multidões» (Glassgold, 2001: XXVI). Entre 1908 e 1919, percorrendo a América, falava anualmente perante cinquenta a setenta mil pessoas.

Emma Goldman foi uma mulher de acção, uma incansável e coerente pregadora das suas profundas convicções. As tournées, que fazia tanto nos Estados Unidos da América como na Grã-Bretanha, França, Canadá, a convite de organizações locais, constituíam um aspecto importante da sua actividade. Discursava sobre política, sobre a guerra defendendo o pacifismo, sobre a emancipação das mulheres, casamento, maternidade, amor livre, prostituição, educação sexual, controlo da natalidade. Mas também sobre a literatura moderna e as novas correntes dos sexologistas – que lia e seguia.

Qualquer dos temas sobre que falava e escrevia atraíam, obviamente, a atenção da polícia que a vigiava de perto e com quem teve inúmeras confrontações. Provocatoriamente, advertia os seus leitores: «Para mais informações [sobre mim], consulte qualquer departamento da polícia na América ou na Europa» (Shulman, 1979: 4).

Para se manter a si própria e à «causa», fez o que estava à mão: foi operária, enfermeira, parteira (fez um curso de enfermagem e obstetrícia em Viena), conferencista, escritora, editora; chegou a ter uma casa de gelados em Worcester, Massachusetts, e um salão de massagens na Broadway. Aceitou dinheiro de amigos e de apoiantes. Por seu turno, a generosidade e disponibilidade para os apoiar e a quem dela necessitasse eram grandes. A sua casa, que ao longo dos tempos variou muito em lugar e em espaço, era um refúgio garantido e um local de encontro e de alegres reuniões. Dava enorme apreço ao ambiente e decoração da

casa e, se tinha tempo, gostava de cozinhar para os amigos. Não traía a sua rígida educação alemã. Ao ter que deixar o apartamento em 210 East Thirteenth Street, invadiu-a um sentimento de profunda perda: «O nosso pequeno apartamento tinha-se-me tornado muito querido; [...] homens e mulheres famosos nos anais da vida tinham rido e chorado lá» (Goldman, 1931: 516).

Embora lesse muito e estudasse os teóricos, acreditava na aprendizagem que a própria experiência proporcionava, no contacto com o mundo. Tudo a interessava. Gostava de conhecer os políticos, os pensadores, os escritores, de discutir com eles, de estar a par das novas tendências literárias e artísticas. Embrenhava-se na vida das cidades que visitava, ia a espectáculos. Queria conhecer as condições de vida dos trabalhadores, os problemas das mulheres, as suas lutas, angústias e sofrimentos.

Durante a sua vida agitada, em que foi tantas vezes presa e maltratada, teve algumas relações amorosas fortes que duraram bastante tempo. Mas a sua insistência em não aceitar uma relação que não fosse, em todos os aspectos, partilhada por ambos e a sua teoria de que «o instinto individual é o maior valor no mundo» (*ibid.*: 52) e que os indivíduos devem conduzir-se «em harmonia com os seus gostos e desejos» (*ibid.*: 56) levavam-na à separação e a prosseguir o caminho sozinha. Tinha consciência desta contradição ao afirmar:

Estava cada vez mais convencida de que a minha vida jamais conheceria a harmonia no amor por muito tempo, de que era a luta e não a paz o que me estava reservado (Goldman, 1931: 187). E contudo, eu sabia que o pessoal representaria sempre uma parte dominante na minha vida. Eu não era talhada numa só peça, como Sasha ou outras figuras heróicas. Desde há muito tinha consciência de ter sido tecida com muitas meadas, contraditórias em tons e texturas. Até ao fim dos meus dias eu estaria dividida entre o desejo de uma vida pessoal e a necessidade de me entregar toda ao meu ideal (*ibid.*: 152-153).

Ao longo da vida, foi construindo a sua própria síntese teórica que, ao contrário de outras facções anarquistas da época, abraçava todos os aspectos sociais e a questão das mulheres que via ligados entre si. Os seus livros e os inúmeros textos que deixou dão-nos conta da sua originalidade. A sua autobiografia – *Living My Life* – é um espantoso documento vibrante de emoção.

A sua energia era infindável. Em 1906, fundou a revista *Mother Earth*, de elevada qualidade literária e gráfica, com uma lista de colaboradores impressionante – entre eles contavam-se Maximo Gorki, Leo Tolstoy, Eugene O'Neill, Margaret Sanger, Errico Malatesta, Voltairine de Cleyre, Man Ray –, que duraria doze anos sem interrupções. O seu envolvimento na luta pela liberdade de expressão levou-a a organizar núcleos da *Free Speech League*, que seriam precursores da *American Civil Liberties Union*. Preocupada com o carácter repressivo do ensino, fundou as *Modern Schools*, inspiradas nas experiências pedagógicas de Sébastien Faure, em Rambouillet, e do catalão Francisco Ferrer.

Crítica em relação às posições puritanas da sociedade, acreditava, contudo, profundamente em valores éticos, ausentes na família patriarcal e no casamento. Neste aspecto, Goldman divergia, não só de Kropotkin, mas das correntes anarquistas do seu tempo.

Em 1895, comentando os artigos que Goldman escrevia para o jornal *Free Society*, Kropotkin elogiava o seu trabalho mas sugeria-lhe que não gastasse tanto espaço a tratar de sexo. Para ele, a igualdade entre a mulher e o homem nada tinha a ver com sexo. «Quando ela lhe for seu igual intelectualmente e partilhar os seus ideais sociais, será tão livre como ele». Goldman recorda que, na exaltação da interminável discussão, lhe disse: «Muito bem, caro camarada, quando eu atingir a sua idade, a questão do sexo pode já não ser de importância para mim. Mas agora é, e é um factor tremendo para milhares, mesmo milhões, de jovens». Com um sorriso divertido, Kropotkin fez um pausa e respondeu-lhe: «Imagine-se, não tinha pensado nisso. Talvez, no fundo, tenha razão» (Goldman, 1931: 253).

A liberdade e a afirmação social que Emma Goldman defendia para as mulheres também não coincidiam com o feminismo do seu tempo, forte no movimento sufragista. Não o hostilizava, mas achava que o voto das mulheres não alteraria a sociedade. Se queriam depositar nas urnas um voto, tal como os homens faziam, por que não? Mas, tal como eles, não fariam mais do que escolher um Governo que, em qualquer hipótese, as oprimiria, tal como oprimia os homens. Na verdade, Goldman pensava que eram os homens quem deveria libertar-se dos modelos sociais que lhes eram impostos e aprender com as mulheres. O conceito de emancipação feminista, copiando o modelo masculino era, para ela, totalmente errado e contra natura.

Em 1919, depois de um complicado processo judicial, o governo americano conseguiu finalmente livrar-se de Emma Goldman e de Alexander Berkman: juntamente com centenas de imigrantes, foram deportados para a Rússia. Se bem que o seu entusiasmo sobre a Revolução de Outubro de 1917 fosse grande, as divergências entre as suas posições e as soviéticas levaram-nos, ao fim de dois anos, a abandonar a Rússia e a viajar para a Alemanha. Escreve, então, um livro sobre a sua experiência na Rússia. Presa e expulsa numa visita à Baviera, sem autorização para se manifestar politicamente na Alemanha, Goldman instala-se na Grã-Bretanha, único país que lhe dera uma permissão de residência (Berkman já saíra do país).

Aceitando a oferta de um mineiro galês, camarada de longa data, casa-se formalmente com ele. Britânica agora, pode viajar. O início da Guerra Civil de Espanha (1936-1939) leva-a a correr para as barricadas; combate com as suas armas – a palavra e a escrita e a sua imensa energia. Morre em Toronto, em 1940, no final de uma campanha de angariação de fundos para os camaradas catalães. Entretanto, Franco ganhara.

Emma Goldman combateu a opressão onde quer que ela se manifestasse; lutou pela liberdade que ambicionava, onde essa oportunidade se lhe apresentou. «Uma montanha de integridade», foi como a escritora Rebecca West a descreveu (Shulman, 1979: 25). «Por uma questão de princípio, porque você é Emma

Goldman», foi como um polícia uma vez lhe explicou porque a prendia (Shulman, 1979: 23). A missão que impôs a si própria trouxe-lhe sofrimento, angústia, agitação, miséria, incerteza. Mas também alegria. Muitas vezes foi presa, perseguida, maltratada, odiada. Mas também foi por muitos amada, admirada e seguida. Sobretudo, viveu intensamente a vida.

Fortes motivos atraíram Emma Goldman para as questões sociais. A repressão paterna em casa, o puritanismo familiar e social, a opressão czarista em que cresceu na Rússia, a exploração dos imigrantes num país em expansão imperial pesavam como chumbo. A revolta cresceu com ela desde os primeiros anos de vida. A ânsia de passar da revolta à acção levou-a ao movimento anarquista, crescente, na época, entre os imigrantes recentes. Aí encontrou a solidariedade de pessoas que, como ela, não se conformavam com o mundo em que viviam. A culpabilização do seu inconformismo dissipava-se como cortina de nevoeiro sob o efeito do sol; a ovelha negra do rebanho branco vivia agora num rebanho da sua própria cor. Sentia-se renascer, ou, melhor, nascer, como afirma nas suas memórias: «contava o meu nascimento real a partir de 1889, quando, como uma rapariga de vinte anos, vim pela primeira vez para Nova Iorque» (Goldman, 1931: 686).

Crítica em relação ao mundo que a rodeava, soube trilhar um caminho próprio, independente, no interior do plurifacetado meio anarquista. Ainda muito nova, não hesitou, por exemplo, em abandonar o grupo de Johann Most, o carismático líder anarquista alemão exilado nos Estados Unidos, quando não concordou com as suas opções. Mais tarde, embora com profunda tristeza, manteve-se firme na sua consistente campanha contra a I Guerra Mundial (1914-1918), apesar do seu grande mestre e amigo Peter Kropotkin ter, a certa altura, apoiado a participação dos Estados Unidos da América na Guerra.

Seguindo em larga parte a linha ideológica do anarquismo comunista de Kropotkin, cedo lhe imprimiu o seu próprio cunho. Para Kropotkin – como, aliás, para outros anarquistas e outras filosofias políticas da época –, a sexualidade era uma questão pessoal que não devia ser confundida com a ideologia política. Ao contrário, Goldman rejeitava a ruptura entre o pessoal e o político; considerava a questão das mulheres, em todos os seus aspectos, uma questão política tão importante como o aumento salarial ou as oito horas de trabalho que se reivindicavam. A negação da problemática das mulheres permite a negação do privado. Uma sociedade nova onde não coubesse a injustiça teria que contar com mulheres tão livres como os homens; as mentalidades deveriam mudar. Bonnie Haanland comenta que

A filósofa feminista Jean Bethke Elshtain afirma que o sisma entre a razão e o desejo e o seu corolário público e privado, comum nas teorias androcêntricas, conduziu aos conceitos de «conhecimento público» e «desejo privado»: «... O reino do público e “a racionalidade da esfera pública” existem como defesas contra a esfera privada em que o desejo, concebido como não consciente e arbitrário, é elevado a um nível supremo» (Haanland, 1993: 3).

Por outro lado, estava atenta à importância dos autores modernos e da nova dramaturgia. Impressionada com a imagem do «indivíduo forte, liberto de grilhões e constrangimentos sociais», que o norueguês Henrik Ibsen propunha, incluiu-a na sua síntese teórica. Ao considerar igualmente importantes as obras de Kropotkin e de Ibsen – que, juntamente com Max Baginsky, defendeu no Congresso Anarquista de Amsterdão, em 1907 – Goldman rejeitava a noção muito difundida de que enfatizar o indivíduo, os seus desejos, angústias e problemas era próprio do pensamento burguês, indiferente às grandes questões da sociedade. Nas suas memórias, ela própria comenta essa intervenção naquele Congresso:

Afirmámos que o anarquismo não envolve uma escolha entre Kropotkin e Ibsen; abarca ambos. Enquanto Kropotkin analisou profundamente as condições sociais que conduzem à revolução, Ibsen retratou a luta psicológica que culmina na revolução da alma humana, a revolta da individualidade. Nada se revelaria mais desastroso para as nossas ideias, defendemos nós, do que negligenciar o efeito do interno sobre o externo, dos motivos e necessidades psicológicas sobre as instituições existentes (Goldman, 1931: 402).

Na verdade, ao incluir na sua teoria política factores externos e internos, eliminava o dilema entre a escolha de uma filosofia política que desse primazia ao social ou a de uma filosofia política que focasse o individual e o psicológico. Goldman conciliava, assim, o antagonismo entre a organização de massas e a afirmação da individualidade.

Ela estava tão profundamente consciente como Ibsen da tragédia entre o indivíduo moderno e a organização de massas; preocupava-se tanto como Kropotkin com o indivíduo obcecado com o poder, socialmente irresponsável. Apanhada entre estas duas posições, tentou fundi-las numa síntese a nível superior (Drinnon, 1961: 107).

Ibsen era também um dos autores analisados por Goldman nas suas palestras sobre «o significado social da dramaturgia moderna». Peças como *Os Pilares da Sociedade*, *O Inimigo Público* ou *A Casa da Boneca* serviam-lhe para ilustrar as suas ideias políticas e sobre a emancipação das mulheres.

O conceito de cidadania de Goldman permaneceu inalterável durante toda a vida. Porém, o auge da sua participação cívica situa-se entre os anos 1890 e 1919, altura em que foi deportada para a Rússia. Durante aquele período, principalmente a partir de 1901, quando o Estado coadjuvado pela imprensa sensacionalista a quiseram injustamente implicar no assassinato do Presidente William McKinley, a sua popularidade estendia-se a nível nacional. Emma Goldman tornara-se a figura central do movimento anarquista. Sem dúvida, as críticas sobre as suas teorias feministas e sobre a sua própria vida pessoal choviam de todos os quadrantes, mas a sua importância era incontestável.

Richard Drinnon dá-nos conta da influência que Goldman exercia, principalmente entre jovens:

«Emma Goldman fez de mim o que sou», comentou uma vez Adelaide Schulkind, mulher do romancista Waldo Frank e principal suporte, durante décadas, da League for Mutual Aid. «Pode imaginar o efeito que ela tinha numa rapariga do East Side com dezassete anos que nada sabia do mundo da cultura? Ela deu-me a conhecer Strindberg, Shaw e Ibsen. Costumava atravessar a cidade para ouvir a sua palestra das noites de Domingo sobre literatura, controlo da natalidade e mulheres» (Drinnon, 1969: vii).

Se bem que a energia se mantivesse inalterável, a partir da sua deportação para a Rússia tudo mudou. Aí, a sua ideologia política entrava frequentemente em conflito com as tácticas e estratégias adoptadas; fora da Rússia, proibida a sua entrada nos Estados Unidos, só a Grã-Bretanha viria a autorizar a sua permanência. Considerada por uns uma anarquista perigosa, também não agradava a outros pelas suas críticas ao Governo Bolchevique. Goldman via a sua actividade política e feminista cerceada.

Em 1934, quando o governo americano lhe permitiu a entrada no país para uma digressão de três meses, onde só poderia falar de literatura, Goldman escrevia cartas a Berkman onde se lastimava dos «jovens que não pensam por si próprios», que «só querem ideias enlatadas ou pré-fabricadas» e que «veneram o sacrário do homem armado até aos dentes» (Drinnon, 1969: v). Decididamente, os tempos tinham mudado: exceptuando a Catalunha da Guerra Civil de Espanha, que durou três anos, a fabulosa Emma Goldman fora esquecida.

Os horrores da guerra terminados, os soldados sobreviventes de volta ao país, as mulheres, que tinham tido um papel social na retaguarda, voltavam a casa. Na Europa e nos Estados Unidos do Século XX, os pós-guerra deram lugar a um ambiente de euforia e a um aparente apaziguamento social. O movimento anarquista entrara em recessão; para os descontentes, o modelo soviético era apelativo: afinal a revolução russa vingara, a União Soviética estabilizava.

Algumas décadas mais tarde, os tempos mudavam uma vez mais. No prefácio de um livro, a socióloga canadiana Bonnie Haaland afirma que

Para as feministas contemporâneas, Emma Goldman tornou-se uma figura de culto. As suas ideias sobre a emancipação das mulheres, liberdade sexual, controlo da natalidade, maternidade voluntária, direitos homossexuais e a natureza opressiva do casamento, da religião e do Estado desencadearam uma onda de simpatia entre as hostes das feministas contemporâneas (Haaland, 1993: ix).

Na verdade, os seus escritos, as suas ideias, a sua participação cívica, as instituições que fundou começaram, desde o início dos anos 1970, a ser objecto de estudo: biografias, ensaios, teses académicas, arquivos acumulam-se, sobretudo nos Estados Unidos e no Canadá. Os seus livros, de há muito desapareci-

dos das livrarias, foram reeditados. Emma Goldman está de volta; a sua luta não foi em vão.

### Referências Bibliográficas

- Anderson, Margaret (1914), «Emma Goldman in Chicago», in Peter Glassgold (org.), *Anarchy! An Anthology of Emma Goldman's Mother Earth*, Washington, D. C., Counterpoint, 2001, pp. 84-88. (Este artigo foi inicialmente publicado em *Mother Earth*, Vol. IX, n.º 10)
- Drinnon, Richard (1961), *Rebel in Paradise*, Chicago, University of Chicago Press.
- Drinnon, Richard (1969), «Introduction. Harking Back to the Future», in *Emma Goldman, Anarchism and Other Essays*, New York, Dover Publications, Inc., pp. v-xiv.
- Elshain, Jean Bethke (1981), *Public Man, Private Women*, Princeton, N. J., Princeton University Press.
- Glassgold, Peter (org.) (2001), *Anarchy! An Anthology of Emma Goldman's Mother Earth*, Washington, D. C., Counterpoint.
- Goldman, Emma (1910), *Anarchism and Other Essays*, New York, Dover Publications, Inc., 1969. (A primeira edição de 1910 é de New York, Mother Earth Publishing Association)
- Goldman, Emma (1931), *Living My Life* (Dois Volumes), New York, Dover Publications, Inc., 1970. (A primeira edição de 1931 é de New York, Alfred Knopf, Inc.)
- Haaland, Bonnie (1993), *Emma Goldman. Sexuality and the Impurity of the State*, Montreal, Black Rose Books.
- Shulman, Alix Kates (org.) (1979), *Red Emma Speaks. Selected Writings and Speeches by Emma Goldman*, London, Wildwood House.

### Abstract

#### Transforming the world according to Emma Goldman

Since the late 1960s it has been witnessed a renewed interest in Emma Goldman (1869-1940). Her ideas on women emancipation, social participation and politics have drawn the attention of feminists, historians and sociologists due to their relevance to the present time. Russian immigrant in the United States of America, she was initially a sweatshop worker. Disgusted with the workers and immigrants living conditions, she joined the anarchists in their struggle to transform society. A self-taught woman, she became a writer and a speaker as able to carry away her audiences as to frighten the American State; she was the founder of the magazine *Mother Earth*, of the *Free Speech League* and of the *Modern Schools*.

**Key words** citizenship, freedom, feminism, anarchism.

### Résumé

#### Transformer le monde selon Emma Goldman

À partir de la fin des années soixante, on assiste à la "récupération" d'Emma Goldman (1869-1940). L'actualité de ses idées sur l'émancipation des femmes, la participation sociale et la politique, a attiré l'attention de féministes, d'historiens et de sociologues.

Immigrée russe aux États Unis d'Amérique, elle a d'abord survécu comme ouvrière. Révoltée par les conditions des classes travailleuses et des immigrants, elle s'est engagée aux côtés des anarchistes dans la lutte pour la transformation de la société. Autodidacte, elle est devenue un écrivain et une oratrice qui ravissait les publics autant qu'elle était crainte par l'État américain; elle fonda la Revue *Mother Earth*, la *Free Speech League* et les *Modern Schools*.

**Mot-clés** citoyenneté, liberté, féminisme, anarchisme.

**Clara Queiroz** licenciou-se em Biologia e fez o Curso de Ciências Pedagógicas na Universidade de Lisboa; obteve o Diploma Course e o Ph.D. em Genética na Universidade de Edimburgo. Foi Research Fellow na Universidade de Edimburgo e Professora Catedrática na Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa. Actualmente, é investigadora no Centro de Filosofia das Ciências da Universidade de Lisboa. É autora de vários artigos e capítulos publicados em revistas e livros em Portugal e no estrangeiro, nas áreas da biologia, bioética, ciência/sociedade e Estudos sobre as Mulheres.

*Artigo recebido em Janeiro de 2005 e aceite para publicação em Outubro de 2005.*